

## EDUCADORES CONSERVADORES E “ESCOLA ATIVA” NO PORTUGAL DE SALAZAR: O EXEMPLO DE DOMINGOS EVANGELISTA (ANOS 30 E 40 DO SÉCULO XX)

### Resumo alargado

Joaquim Pintassilgo

Instituto de Educação, Universidade de Lisboa

A presente comunicação tem por finalidade contribuir para uma reflexão sobre o sentido das apropriações conservadoras da Escola Nova realizadas durante o Estado Novo português, designadamente na sua fase inicial. Tomaremos como exemplo a produção de um educador que assume, desse ponto de vista, um papel paradigmático: Domingos Evangelista, professor e gestor escolar, autor de manuais de formação de professores e colaborador assíduo da imprensa de educação e ensino, cujo percurso vital decorre ao longo da 1ª metade do século XX. Este trabalho é parte de um projeto mais vasto que visa delimitar os contornos daquilo que António Nóvoa designa por “pedagogia nacionalista” a partir de um conjunto de educadores que assumem, de alguma maneira, o papel de “intelectuais orgânicos” do regime salazarista. Utilizaremos como fontes desta parcela da pesquisa as produções escritas de Domingos Evangelista, com destaque para o compêndio *Elementos de Pedagogia* (1945), para a sua colaboração na revista *Escola Portuguesa*, predominantemente no campo da Didática, e para a tradução livre que fez de uma obra de Adolphe Ferrière, *A Escola Activa* (1934).

A transição da República para o Estado Novo, entre os anos 20 e 30 do século XX, não trouxe consigo, como bem notaram António Nóvoa e Maria João Mogarro, o desaparecimento completo das ideias, das práticas educativas e das experiências institucionais ligadas à chamada Escola Nova. Essa passagem abriu antes caminho a apropriações de sentido conservador, católico e nacionalista desse movimento, ele próprio plural e multifacetado, e à subalternização ou afastamento dos educadores que tinham protagonizado, nos anos 10 e 20, a fase mais típica e intensa da Escola Nova portuguesa. No lugar de figuras como Adolfo Lima,

Antônio Sérgio, João de Barros, Álvaro Viana de Lemos, Irene Lisboa, entre muitas outras, passamos a encontrar figuras, de outra craveira, é certo, como Cruz Filipe, Orbelino Ferreira ou o aqui estudado Domingos Evangelista. Os clássicos, como Dewey, Decroly, Montessori, Claparède ou Ferrière, não são renegados, ainda que bastas vezes criticados, são antes alvo de reinterpretações que esvaziam a dimensão política ou social dos seus projetos e suavizam o radicalismo pedagógico que lhes é imputado, aproveitando a didática inovadora que deles decorre e que passa a circular, predominantemente, por via da expressão “Escola Ativa”. Domingos Evangelista surge como um dos pioneiros na tentativa de fixar uma nova versão, mais moderada, da tradição inovadora.

Depois de um período de suspensão gradual das atividades das Escolas do Magistério Primário (as antigas Escolas Normais Primárias), decretada pelo ministro Carneiro Pacheco em 1936 e aproveitado pelo regime para transformar, de forma acentuada, o seu projeto educativo, bem como o pessoal docente nelas incorporado, as escolas reabriram na sequência da reforma de 1942. Em 1943 foram publicados os programas correspondentes ao novo plano de estudos. É para servir, no contexto então aberto, de recurso para a formação de novos professores que Domingos Evangelista publica, dois anos após, os seus *Elementos de Pedagogia*. O autor introduz a sua obra apresentando o tradicional dilema, presente neste tipo de manuais desde o final do século XX: a pedagogia é uma ciência ou uma arte? A resposta vai nos dois sentidos. Depois de convocar argumentos que pretendem reafirmar o caráter científico da pedagogia, entendida como ciência da educação, Domingos Evangelista lembra a dimensão prática, aplicada, dessa mesma pedagogia que a aproxima da noção de arte. Outros conceitos que o autor procura clarificar são os relativos ao par instrução – educação, ambos valorizados no período, ao contrário do que por vezes se supõe. Um outro tema abordado no compêndio é o que se refere ao ideal de educação integral. Expresso em muitos momentos da história da pedagogia, nomeadamente pela Escola Nova, a educação integral, entendida como uma determinada forma de articular a educação física, a educação intelectual e a educação moral, é de novo reinterpretada pela “pedagogia nacionalista”. Não é esquecido outro dos debates fortes desse tempo e que se prende com a chamada “questão religiosa”: a quem compete educar? O autor desenvolve algumas ideias acerca dos direitos próprios da Igreja, da Família e do Estado em matéria educativa e aproveita para comentar o projeto de laicização encetado pela República. A dimensão axiológica penetra todo o manual nas múltiplas referências aos

fins e valores da educação, ao sentido religioso que a deve impregnar ou ao “nacionalismo educativo português”. A voga cientista que atravessa esse período está presente, ainda, no espaço dedicado aos testes mentais.

Daremos uma atenção muito particular, neste trabalho, à análise da tradução empreendida por Domingos Evangelista de uma das obras emblemáticas de um dos mais prestigiados vulgarizadores da Escola Nova – Adolphe Ferrière. O título em português, *A Escola Activa*, corresponde ao original, *L'École Active*, originalmente publicado em 1922 e sucessivamente reeditado. Em texto preliminar, intitulado “que é a escola Activa?”, o pedagogo suíço define-a, antes de tudo e duma maneira geral, como “a aplicação das leis da psicologia à educação das crianças” (p. V). No prefácio à edição portuguesa o mesmo autor proclama: “Abandonemos os termos «novo» e «antigo», apelando em seguida à busca do “meio justo” entre “inovação e tradição” (p. XII). Domingos Evangelista, por seu lado, na curiosa peça a que dá o nome de “Prevenção do tradutor”, alerta para o facto de não estarmos perante “uma simples tradução”, confessando ter omitido “certas páginas que pouco podem interessar a nossa ideologia pedagógica” (p. XIII). Reconhecendo ter sido o próprio Ferrière a simplificar, a partir da 3ª edição, a obra inicial, o educador português assume ter continuado a fazer, em alguns momentos, a “condensação do volume” e, noutros, o desenvolvimento de “certas ideias”. Em síntese: “procurámos ver os problemas da Escola Activa através da dura realidade do nosso prisma rácico, das nossas organizações escolares, e até da nossa emotividade doentia de meridionais”. A razão apontada para esta estratégia criativa é a ausência, em Portugal, de “obras de vulgarização pedagógica que não pequem pela inadaptação dos seus princípios à escola portuguesa”. Assim fica explicada a ousadia de “comentar a obra do Mestre, truncá-la do que julgamos ser especulação dispensável” (p. XIV). Na obra propriamente dita são abordados os precursores da Escola Ativa, a atividade manual, a atividade social e a atividade intelectual tal como são desenvolvidas nesse contexto, sendo encarado, finalmente, o futuro da Escola Ativa.

A tradução de *L'École Active* acaba por ser uma expressão clara das interpretações e leituras que os pedagogos conservadores, assumindo-se como intelectuais e mediadores, fazem da obra de Ferrière e, em geral, do ideário da Escola Nova, ao procederem a uma apropriação original do seu conteúdo e mesclarem representações de sentidos diferentes dando origem a um produto híbrido: a Escola Ativa portuguesa. A operação a que Domingos Evangelista se

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

entrega, remete-nos, ainda, para a complexidade de que se revestem as práticas de tradução e a ambivalência, neste quadro, da noção de autoria. Recorreremos ao arsenal teórico da História Cultural e, em particular, às conceptualizações de Michel de Certeau, Roger Chartier e Peter Burke, para pensar aquelas questões tendo em conta o caso concreto deste ideólogo da “pedagogia nacionalista” e o contexto, muito particular, de um regime autoritário e conservador como era o salazarista.